

36 – Outubro de 2001

Hora da escolha: privacidade ou mais segurança!?

Esta é a questão do momento. Não se trata de um assunto novo, pois a privacidade sempre foi um direito reconhecido por pessoas, empresas e países. Se pensarmos em todas as dimensões da questão, verificaremos que as evoluções tecnológicas, o aumento da informatização e conectividade têm colocado este direito em risco. Isso porque ao adotarmos um aparelho de telefonia móvel, ao adquirirmos um endereço IP para conexão à Internet, ao introduzirmos o *smartcard* no dispositivo de acesso físico da empresa ou até mesmo ao sermos flagrados pela câmera de circuito interno de TV do edifício, estamos sendo...controlados.

Controle é justamente o ponto de conflito. A todo momento, somos alvos de mais e mais controles. A propósito, quando falamos de segurança da informação, estamos indiretamente falando da implementação de controles que reduzam os riscos das empresas em tempo de manuseio, armazenamento, transporte e descarte das informações.

O desafio está intimamente relacionado com a “dose” de controle que se aplica nos processos, tecnologias e pessoas. É como se tivéssemos de equilibrar uma balança onde em um dos lados estaria a segurança, e conseqüentemente o controle, e do outro a privacidade. Todos têm que buscar o equilíbrio de forma a viabilizar a operação com substancial redução de riscos de fraudes, sabotagens, vazamento de informações, incêndio, invasões etc, sem comprometer a privacidade dos envolvidos.

Costumo comparar analogamente a situação de um paciente enfermo com a de uma empresa sem segurança. Ambos necessitam de uma solução, de um tratamento e medicamentos que irão controlar a enfermidade e levá-los a operar em condições normais. Mas se os exames não forem realizados adequadamente, ou se o diagnóstico não for preciso, aumentam as chances de um receituário equivocado com doses de medicamento altas demais, acarretando efeitos colaterais indesejados.

Quando aplicados à segurança, essa dose em exagero pode significar a perda de agilidade e competitividade da empresa, queda de produtividade, burocratização, perda do *time-to-market* e conseqüentemente o aumento exacerbado de controles que atingirão a privacidade de funcionários, parceiros, fornecedores e demais elementos da cadeia produtiva.

O fato é que o mundo, após o terrível atentado terrorista ocorrido em setembro próximo - onde fora constatada a alta aplicação de eficientes estratégias militares, de inteligência de espionagem e de tecnologia - está repensando a questão e avaliando o custo x benefício de desequilibrar a balança em busca de maior controle e conseqüentemente da depreciação da privacidade da nação.

Não precisamos ir muito longe para perceber os efeitos dessa reflexão. Já somos solicitados a apresentar o documento de identificação quando embarcamos nos aeroportos. As

bagagens agora passam pelo mais rigoroso crivo clínico em busca de todo e qualquer objeto de metal que seja potencialmente usado como arma de coação. Em praticamente toda e qualquer relação comercial, somos pressionados a fornecer documentos que comprovem nossa residência, informar telefones particulares, referências sociais e ainda tomam conhecimento de todos os detalhes do nosso empregador através do documento de comprovação de renda. Os telefonemas que realizamos são “logados”, ou seja, registrados com riqueza de detalhes nas operadoras de telecomunicações. O edifício onde moramos nos “eterniza” em filmagens gravadas 24 horas por dia, 7 dias por semana, sempre que colocamos os pés fora do apartamento. Como se não bastasse, ainda somos “revelados” nos “álbuns de retrato” dos departamentos de trânsito, quando somos flagrados e fotografados avançando um sinal de trânsito – daqueles que oferecem risco de vida - durante a madrugada. A utilização de mensagens on-line via ICQ nos denuncia ao mundo, indicando que estamos conectados à Internet. Os dispositivos de controle de acesso físico usados nas empresas, passam a saber exatamente o dia e a hora em que entramos e saímos de determinados ambientes. Os gerentes e administradores de rede já nos conhecem, pois têm condições técnicas de saber que documentos nós editamos, para quem enviamos e recebemos correspondência eletrônica, qual o assunto e possivelmente o conteúdo desses e-mails, conhecem nossos hábitos de acesso à Intranet e ainda os sites que costumemente acessamos na Internet.

Diante de tantos controles, acabamos nos sentindo num mundo de fantasia – como em uma maquete, como se pudéssemos acompanhar tudo de cima - onde os personagens têm seus destinos traçados a cada capítulo, onde somos constantemente acompanhados e monitorados. Este é o preço que pagamos pela participação ativa e irrestrita da tecnologia nas nossas vidas e, mais recentemente, pela onda de desespero promovida após a percepção de que o mundo não está tão seguro quando todos imaginavam.

Para o bem de todos, o desafio de reequilibrar a balança Privacidade/Segurança deve continuar. Não haverá crescimento mundial, troca de informações e relação comercial se não existirem pessoas, empresas e países confiantes nos processos, dispositivos e tecnologias que lhes garantam o mínimo de privacidade. Comece o trabalho na sua empresa. Reuna os executivos e envolva-os no desafio. Defina um Comitê Corporativo de Segurança da Informação e modele um Plano Diretor de Segurança. Implemente um modelo flexível e dinâmico de gestão de segurança. Desenvolva uma Política de Segurança personalizada, coerente, consistente e realista. Identifique os responsáveis, formalize os processos e compartilhe os resultados. Equilibre a sua balança.

Marcos Sêmola é MBA em Tecnologia Aplicada, Bacharel em Ciência da Computação, Professor da cadeira de Segurança da Informação da FGV – Fundação Getúlio Vargas, Gerente Nacional de Soluções e Produtos e Consultor de Segurança da Módulo Security Solutions S.A.

msemola@modulo.com.br